

**UMA BREVE HISTÓRIA DO CETICISMO ANTIGO.**

*Rodrigo Pinto de Brito*¹

Resumo:

Este trabalho é uma breve história do ceticismo desde os filósofos chamados ‘protocéticos’, passando por Pirro e seus discípulos, pelo ceticismo Acadêmico, chegando até Sexto Empírico e seu ceticismo terapêutico. Assim, verificamos como ao longo do tempo diferentes ênfases foram sendo dadas às diferentes etapas da reflexão cética, algumas vindo a desaparecer, outras sendo reconhecidamente atribuídas ao arsenal argumentativo cético. Tendo argumentado que o ceticismo é uma maneira de se viver, passamos à reflexão sobre a viabilidade prática de se viver de modo genuinamente cético. Detectamos a origem do principal argumento contra a possibilidade da vida cética, o argumento da *apraxia*, que induz o cético a auto-refutar-se. A partir deste ponto nossa preocupação foi compreender os desdobramentos do argumento da *apraxia* até David Hume, e também os desdobramentos da defesa cética inicialmente elaborada por Arcesilao contra a filosofia da Stoa até Sexto Empírico.

Palavras-chave:

ceticismo antigo – Pirro – Arcesilao – Enesidemo – auto-refutabilidade

Abstract:

The present work is a brief history of the scepticism since the philosophers called ‘protoskeptics’, passing through Pyrrho and his disciples, through the Academic skepticism, arriving to Sextus Empiricus and his therapeutic scepticism. Thus, we verify how different

¹ Doutorando em Filosofia pela PUC-Rio.



emphasis were being given to different stages of the skeptical reflection, some of them coming to disappear, others being recognized as parts of sceptical argumentative armory. Once arguing that the scepticism is a way of living, we passed to a reflection about the practical viability of living in a genuine sceptical way. We detected the origin of the main argument against the possibility of the sceptical life, the argument of the *apraxía*, which induces the sceptic to a self-refutation. From this point our main concern was comprehend the developments of the argument of the *apraxía* until David Hume, and also the developments of the sceptical defense, initially developed by Arcesilaus, against the Stoa's philosophy until Sextus Empiricus.

Keywords:

ancient scepticism – Pyrrho – Arcesilaus – Enesidemus – self-refutation

I- O PANO DE FUNDO DO SURGIMENTO DO PIRRONISMO:

Apesar da vasta quantidade de artigos e tábuas cronológicas que tentam situar o leitor na historiografia das escolas helenísticas, contar uma história do ceticismo antigo é uma tarefa um tanto complicada. Talvez porque não há um ceticismo, e na verdade nem dois, mas há tendências e concepções de ceticismo muito antes de haver escolas cétricas. Há várias posturas filosóficas que usam argumentos cétricos e que vieram a ser consideradas cétricas pelos pensadores cétricos posteriores. Assim, Homero fora considerado por alguns o iniciador do ceticismo devido a argumentos em que ele expressava a dubiedade em torno de uma mesma coisa, de acordo com as contingências (Diógenes Laércio 'Vidas e Doutrinas



dos *Filósofos Ilustres*' IX 71)², algumas máximas dos Sete Sábios e também argumentos e frases de tragediógrafos e filósofos mais antigos foram consideradas céticas. Isto demonstra que havia argumentos céticos antes de escolas céticas, mas de fato nem todos estes argumentos céticos foram influentes sobre os “heróis” céticos que estavam por vir ou sobre as escolas que eles fundariam ou que seriam modificadas ou fundadas em seus nomes.

Os pensadores antecedentes do ceticismo e que de fato influenciaram a filosofia cética são chamados proto-céticos. Os mais influentes são os atacados por Aristóteles no livro Γ da *Metafísica* onde, para defender o Princípio da Não-Contradição, o estagirita diz que este princípio deve ser aceito mesmo por aqueles que para tudo exigem provas ou que afirmam que algo pode ser e não ser. Além disso, o próprio Sexto Empírico nos capítulos XXIX a XXXII do livro I das *Hipotiposes* Pirrônicas nos dá pistas sobre quem seriam os proto-céticos, lá Sexto busca estabelecer diferenciações entre a escola Pirrônica e outras escolas para que não haja confusão, tendo em vista que haveria pontos semelhantes entre estas escolas e o ceticismo. As escolas referidas por ele são respectivamente a mobilista representada por Heráclito e os seguidores de sua doutrina, como Crátilo, a Atomista representada por Leucipo e Demócrito e os atomistas posteriores, a Cirenaica representada por Aristipo e a sofista³ representada pelo célebre Protágoras, por exemplo. Os argumentos destes pensadores denotam 1- uma desconfiança com relação à possibilidade de se conhecer a verdade através dos dados sensoriais, 2- a possibilidade de haver um movimento permanente na natureza que cause constantes mudanças circunstanciais que impeçam um conhecimento estável, e também 3- a submissão do conhecimento ao sujeito cognoscente e

² Doravante D.L.

³ Mesmo que não tenham existido “escolas sofísticas”, a filosofia dos sofistas é tratada por Sexto no capítulo XXXII do livro I das *Hipotiposes* como a “doutrina de Protágoras”.



às circunstâncias em que este se encontra, e serão muito influentes, por exemplo, sobre os tropos de Enesidemo, ao apontarem limites para o entendimento humano. Contudo, é a Pirro de Elis que é atribuída a fundação do ceticismo.

Para a maioria dos filósofos Helenísticos, Pirro ocupa uma posição comparável, em muitos sentidos, à de Sócrates, ambos são abrangentes na quantidade de filosofias que estimularam, ambos fizeram-se paradigmáticos através dos seus estilos de vida, pela sua personalidade mais do que pela construção de doutrinas sistemáticas ou por escreverem livros, tarefas estas que foram deixadas aos seus discípulos. Velho o suficiente para ter acompanhado as expedições de Alexandre à Índia, Pirro já era uma figura reconhecida quando Epicuro, Zenão e o acadêmico Arcesilao estavam desenvolvendo suas identidades filosóficas. Epicuro admirava seu estilo de vida⁴, seu posicionamento ético influenciara o estóico Aristón, e nomearam-no o progenitor do ceticismo Acadêmico. Quando Enesidemo desertou da Academia, desligando-se das tendências dogmáticas que sobre ela se abatiam, ele representou a independência da sua filiação filosófica sob o nome de Pirronismo.

Apesar da muito cuidadosa e precisa documentação da vida de Pirro de Elis em “Vidas e Doutrinas do Filósofos Ilustres”, extraída de uma impressionante gama de diferentes e aparentemente independentes fontes (algumas delas, como Antígono de Carystus⁵, contemporâneos próximos do sujeito da biografia), traçar um quadro histórico da vida de Pirro é muito difícil e os possíveis pormenores dela não nos interessam aqui. Interessa-nos que depois de alguns contatos com filósofos gregos atomistas, Pirro viajou para a Índia na companhia de Anaxarco, tendo como consequência disto que, de acordo

⁴ D.L. IX 64.

⁵ D.L. IX 62.



com Antígono de Carystus (D.L. IX 63), e também Ascanius de Abdera (D.L. IX 62), ele adotou sua filosofia cética. Não nos importam aqui quais são as possíveis origens das contribuições tão ímpares de Pirro para o legado do ceticismo, mas sim quais são estas contribuições.

Primeiramente, a abordagem antitética quanto a toda metafísica, possivelmente quanto a toda asserção, que é a diferença entre a filosofia Pirrônica e todas as outras filosofias gregas da mesma época. Refiro-me a tais modos familiares de expressão como παντι λόγῳ λόγος ἀντίχειται. Obviamente, há precedentes a levar em conta para um posicionamento como este que remontam à, pelo menos, o período dos sofistas. Devo lembrar os Δισσοὶ λόγοι e o testemunho de Diógenes Laércio de que Protágoras foi a primeira pessoa a afirmar que para cada argumento há duas formas de se argumentar que são exatamente opostas uma a outra.

A formulação das antinomias em quadrilemma, um modo de pensamento até este momento sem precedentes na filosofia grega, ou de fato, em qualquer outro pensamento, e não muito evidente mesmo depois deste período exceto no *corpus* cético de Sexto Empírico, onde há catorze deles ao todo (quatro deles arranjados sob a mais rigorosa forma). Pelo menos quanto a isto, Pirro parece ter sido um pioneiro da lógica.⁶

O atrelamento da incerteza gerada pelas antinomias e pelos quadrilemma a uma meta de vida definida negativamente, que é algo como um fim em si, é a única via pela qual se chega a um novo nível de tranquilidade da consciência. Segue-se assim uma cessação de

⁶ FLINTOFF, Everard. *Pyrrho and India*; em *Phronesis*. 1980.



todo discurso (*aphasia*), uma cessação de toda atividade (*apraxia*) que conduzem, por sua vez, a uma cessação de toda inquietude (*ataraxia*)⁷.

Apesar de nada ter escrito, Pirro teve discípulos que se preocuparam em retransmitir seus pensamentos, como Eurílocos, Hecataios, Tímon e Filo, destes, alguns deixaram escritos.

Após isto o ceticismo entra em uma fase mais obscura (se é que isto é possível). Os discípulos de Pirro, chamados Pirrônicos, se dividirão em aporéticos, céticos (daí surgirá efetivamente o termo *cético*), eféticos e zetéticos. Um outro círculo de efervescência cética foi a Academia, a partir da fase Média que vê, com Arcesilao, um anti-dogmatismo e ceticismo moderado em teoria do conhecimento. A Nova ou Terceira Academia é representada principalmente por Carnéades e Clitômaco, não há grande cesura entre esta fase e a precedente, a única diferença substancial é a adesão de argumentos probabilistas pela Nova Academia e uso deles nos cada vez mais frequentes ataques aos Estóicos.

Mais tarde, Enesidemo, após uma ruptura com a Academia, será o homem responsável pela fundação, ou de qualquer forma pelo reavivamento, do Pirronismo no primeiro século a.C. Os *‘Esboços Introdutórios ao Pirronismo’* de Enesidemo foram presumivelmente o primeiro trabalho a carregar tal título, e sabemos algo sobre ele através de uma referência feita por Diógenes Laércio (D.L. IX 78). Enesidemo compilou a classificação dos vários modos ou vias pelas quais as impressões sensíveis geram convicções ou persuasões⁸, e a partir disso ele usa estes modos para tentar destruir, sistematicamente, as crenças tão arraigadas através da demonstração de que cada um destes

⁷ D.L. IX 62 em diante.

⁸ D.L. IX 78: καθ' ὅς τρόπους πείθει τὰ πράγματα.



modos produz crenças conflitantes ou igualmente persuasivas e que não são confiáveis para nos pôr em contato com a verdade. O resultado será, sempre, a *epoché* sobre o que é a verdade (D.L. IX 84). Os modos ou tropos são dez e seu propósito é, em suma, nos despersuadir de qualquer coisa que nos persuade como representante da verdade ou a realidade. Com Enesidemo, a vida do cético será também uma vida sem crenças (*adoxastous*) e esta é uma característica fundamental do Pirronismo sob inovação de Enesidemo. Contudo, esta não é uma de todo nova proposta, mas muito mais um reavivamento de uma proposta muito mais antiga, de fato, a idéia de que se deveria viver sem crenças é a mais notável no mais extenso apontamento doxográfico que há da filosofia do próprio Pirro: a citação em Eusébio (*Preparação para o Evangelho*⁹, XIV 18, 2-4) de Aristócles, um escritor peripatético do segundo século d.C., que fornece o que parece ser um sumário dos pontos de vista atribuídos a Pirro por seu seguidor Tímon. Não devemos depositar nenhuma confiança em nossas percepções ou crenças, diz o sumário, tendo em vista que não são verdadeiras nem falsas, e daí quando estivermos dispostos à neutralidade, a tranqüilidade sobrevirá.

Outra importante e obscurantíssima figura do hall cético é Agripa. Obscuro porque sobre ele nada se sabe, restam dele somente cinco tropos que, se comparados com os de Enesidemo, referem-se mais à estrutura formal dos raciocínios e silogismos do que aos componentes fenomênicos destes. Os tropos como um todo, assim, formam uma rede em que se é possível escapar no âmbito fenomênico, fugindo das armadilhas se não criadas pelo menos compiladas por Enesidemo, não será possível escapar no âmbito formal: esta é a rede cética.

⁹ Doravante *P E*.



Talvez, inicialmente, os tropos não funcionassem como uma rede, mas graças ao trabalho de Sexto Empírico será possível articulá-los entre si. Sexto Empírico foi o único Pirrônico cuja obra sobreviveu, sobre ele pouco sabemos, era médico por profissão, viveu no segundo século d.C., foi discípulo do também médico Heródoto de Tarsos, este por sua vez se liga através de uma linhagem de pensadores a Enesidemo de Cnossos (D.L. IX 116).

Sexto nos deixou: (i) *Outlines of Pyrrhonism*, ou *Esboços Pirrônicos*. Que se divide em três livros; (ii) *Contra os Professores*, ou *Adversos Mathematicos*. Composto por seis livros, respectivamente: *Contra os Gramáticos*; *Contra os Retóricos*; *Contra os Geômetras*; *Contra os Aritméticos*; *Contra os Astrólogos*; *Contra os Músicos*. (iii) *Contra os Dogmáticos*, ou *Adversus Dogmáticos*. Composto por cinco livros, respectivamente: *Contra os Lógicos*, em dois livros; *Contra os Físicos*, em dois livros; *Contra os Éticos*.¹⁰ Ele foi, portanto, um autor prolífico, mas não um pensador muito original, o que no caso dele não é demérito. Sua atividade como compilador fez com que fossem preservados importantes fragmentos de filósofos anteriores, fazendo dele uma das mais importantes fontes doxográficas da filosofia mais antiga, acrescente-se a isto que, devido ao método antitético cético, com o objetivo de demonstrar as discrepâncias entre as doutrinas dos filósofos, as citações de Sexto dos fragmentos foram feitas com o máximo de rigor possível, aumentando a confiabilidade nos fragmentos preservados em sua obra.

Um outro mérito da obra de Sexto é que, por ser receptáculo de séculos de tradição cética, nela todo o arsenal cético se cristaliza e solidifica, todos os argumentos, que levaram tanto tempo para evoluírem, alguns tendo desaparecido e depois reaparecido, outros

¹⁰ Doravante nos referiremos a estas obras respectivamente como, de acordo com o índice de Janáček: *P.H.*, *M.*, e, à parte as pertinentes críticas de Barnes, *M.*



reeditados sob as mais diversas formas, outros tantos sistematizados, todos eles ganham espaço na obra de Sexto que terá a difícil missão, muito original por sinal, de dar a eles maior coesão interna para que não haja brecha para possíveis críticas ao ceticismo.

Resumidamente, a missão de Sexto será unir cerca de cinco séculos de argumentos céticos, levando em conta todos os debates que houvera em torno deles, e também as sucessivas inovações, desde as definições negativas fornecidas por Pirro da meta de vida, além dos quadrilemma e da idéia de uma atitude cética oriunda da atitude de Pirro quanto ao mundo, passando pelos discípulos de Pirro e as tentativas de descrever, escrever e defender a vida e a doutrina do mestre, chegando à média e à última Academia em seus debates constantes contra, principalmente, mas não somente, os Estóicos, gerando a forte reação de Enesidemo de Cnossos contra uma leitura “estoicizante” do *corpus* doutrinal Acadêmico, a compilação dos dez tropos por Enesidemo, e de outros cinco por parte de Agripa, a assimilação de boa parte dos argumentos céticos pela escola médica metódica e, finalmente, submeter tudo isto à idéia de terapia. O ceticismo Pirrônico, com toda esta atribulada e instigante história se lançará como uma cura purgativa dos males dogmáticos.

II- DOGMATISMO X CETICISMO:

Seríamos inocentes se afirmássemos que o objetivo de Sexto ao combater os dogmatismos é meramente altruísta, uma verdadeira batalha está sendo travada aqui e, para tal, é preciso circunscrever cada batalhão ao seu campo de ação, assim Sexto rotulará os guerreiros conforme três tipos:

O resultado natural de qualquer investigação é que os investigadores ou descobrem o objeto da busca, ou negam que seja possível descobri-lo e



confessam-no inapreensível, ou persistem na busca. Assim, também, quanto aos objetos investigados pela filosofia, e é provavelmente por isso que alguns afirmaram ter descoberto a verdade, outros afirmaram que ela não pode ser apreendida, enquanto outros persistem investigando. Aqueles que crêem que a descobriram são os “dogmáticos”, assim são chamados, especialmente, Aristóteles, por exemplo, e Epicuro e os Estóicos, e alguns outros; Clitômaco e Carnéades e outros Acadêmicos consideram-na inapreensível, e os céticos persistem na busca. Assim, parece razoável manter que os principais tipos de filosofia são três—a dogmática, a Acadêmica, e a cética. (*P.H.* I 1).

Com este parágrafo Sexto começa as Hipotiposes, um manual introdutório ao pensamento cético. Ele retrata os céticos como árdus pesquisadores que ‘persistem na busca’ investigativa, e o adjetivo grego *skeptikos* (σκεπτικός) deriva do verbo σκέπτεσθαι que é um uso arcaico do verbo *ver* que significa *exame*, indicando o *ver* como elemento de uma investigação. Ora, investigadores persistem na investigação porque não descobriram o objeto de sua pesquisa e nem concluíram que é impossível descobri-lo: eles não têm uma opinião formada sobre o objeto da investigação. Assim, a palavra *skeptikos* ou ‘cético’ adquire sua conotação original. Os céticos são investigadores: eles nem crêem e nem descrêem, não afirmam e nem negam, e o verbo *sképtesthai* denota a ação de investigar que os céticos implementam.

Assim, tendo em vista a relutância em afirmar ou negar, ser cético implicará em suspender o juízo, ou reter o assentimento. Uma filosofia cética recomendará que se suspenda o juízo sobre todo o campo das investigações humanas, tendo em vista a imensa



discordância que há entre os teóricos e entre as teorias, que eram endêmicos no século segundo d.C., por exemplo, mas não somente.

Os chamados ‘dogmáticos’ (οἱ δογματικοί) eram aqueles que submetiam-se a dogmas ou doutrinas, sem o caráter pejorativo de fanatismo que a palavra carrega nos dias de hoje. Portanto, os Pirrônicos são os que retêm o assentimento, os dogmáticos são aqueles que, como os Estóicos, Epicuristas e Peripatéticos, proferem a asserção positiva de que é possível conhecer o objeto investigado, ou que já se conhece o tal objeto, bem como, conseqüentemente, que é possível descrevê-lo. Mas dogmáticos também são os que, como os Acadêmicos e os Cirenáicos, proferem a asserção negativa de que é impossível conhecer o objeto investigado e que este objeto por ninguém é conhecido e, portanto, é impossível descrevê-lo. E estas escolas, ou sectos filosóficos, estavam em conflito constante.

Estóicos, Epicuristas, Peripatéticos e Acadêmicos definiam-se a si mesmos por suas doutrinas, e suas doutrinas conflitavam. Além disso, ainda havia conflitos internos nas escolas, os Estóicos, por exemplo, discordavam profundamente entre si, inclusive nos mínimos aspectos e assim como eles, também os Acadêmicos, e mesmo os Epicuristas, que eram vistos como anormalmente harmoniosos e uniformes em seus pontos de vista, discordavam. Mas no que implica a discordância (διαφωνία)?

Uma possibilidade é: na disputa para determinar quem está de fato correto. Assim a disputa levaria a um conhecimento mais seguro, mas qual critério utilizar para arbitrar sobre quem está, ou não, com a razão? E quais as circunstâncias que poderão incidir sobre o árbitro a ponto de turvar seu juízo?

Diante disso, dessas dificuldades, o cético suspenderá o juízo.

III- Η σκεπτική άγωγή:

É objeto de controvérsia se os três trabalhos de Sexto Empírico apresentam uma única e coerente forma de Pirronismo. Alguns estudiosos detectam importantes diferenças entre os textos, e alguns estudiosos detectam importantes diferenças dentro dos textos, diferenças que são explicadas algumas vezes pela hipótese de que os próprios pontos de vista de Sexto sofreram algumas mudanças ou desdobramentos, ou então pela hipótese desencorajante de que Sexto descuidadamente utilizou fontes diferentes em partes diferentes de seus escritos. Contudo, o próprio Sexto nos diz que a primeira parte de sua obra é um ‘Esboço do Pirronismo’ (Hipotiposes Pirrônicas): “O caráter geral do Ceticismo fora demonstrado pelo método apropriado da descrição, como um Esboço ele fora fornecido em parte para...” (MI 1).

Neste esboço (ὑποτύπωσις) encontram-se os tropos de Agripa e de Enesidemo, uma diferenciação entre a escola cética e outras escolas, para que não haja confusão, mas também das escolas dogmáticas, um resumo dos argumentos céticos, as especificidades da filosofia cética, o jargão cético e etc. As Hipotiposes são, em suma, uma bula argumentativa para aquele que se interessar em se livrar do assédio dogmático. Nele há ainda, o que nos interessa mais diretamente por hora, a definição de uma metodologia suspensiva, expressa sob a forma de um esquema cético (σκεπτική άγωγή) composto pelas seguintes etapas (P.H. I, 25- 30):

Ζήτησις (zétesis, investigação ou busca) → Διαφωνία (diaphonia, discrepância ou discordância) → Ισοσθένεια (isosthenia, equi-polência ou igual força lógica) →



Εποχή (*epoché*, suspensão do juízo ou retenção do assentimento) → Αταραξία (*ataraxia*, quietude ou, melhor por conservar o prefixo de negação, imperturbabilidade).

Primeiramente, ao defrontar-se com uma questão, o cético investiga. Esta investigação consiste em uma busca por respostas ou evidências, e ao prosseguir e aprofundar-se na busca o cético perceberá que há diferentes teses sobre a questão que investiga. Estas teses são iguais e contrárias e têm igual peso lógico, diante disso o cético mergulha em *aporia* e retém o assentimento. Ao fazer isto ele livra-se da necessidade de aderir a uma teoria qualquer sobre a questão investigada e livra-se da aflição, atinge a imperturbabilidade.

Esta imperturbabilidade, originalmente, assim como a tradução definida negativamente, também é definida negativamente. De modo que a *ἀταραξία* é qualificada também como o estado em que o cético toma uma postura de *ἀφασία* (*aphasia*, não-asserção), ele se torna *ἀδοξάστως* (*adoxastous*, sem crenças).

Após propormos um resgate do significado original de ‘ceticismo’ e de ‘cético’, enveredamo-nos brevemente pela história do ceticismo antigo, desde o surgimento de argumentos céticos, passando por todas as fases do ceticismo, até Sexto Empírico. Assim podemos compreender melhor o estatuto especial e a coesão interna que o ceticismo ganhará na obra de Sexto. Foi possível então revelarmos o significado original da palavra cético, bem como o que significa ser cético de acordo com Sexto. Agora, tendo cumprido o objetivo inicial, eis que surge no horizonte da pesquisa o problema.



Este problema, que de agora em diante será tratado como problema da auto-refutabilidade ou da *apraxia*, fora levantado primeiramente pelos Estóicos no debate com a Academia em fase cética, e resume-se no apontamento de que o ceticismo se auto-refuta.

No caso do ceticismo Pirrônico, temos que: se o cético suspende o juízo e se torna sem crenças, então como poderá ele agir já que para agir é preciso crer minimamente em algo? Além disso, ao descrever o ceticismo e prescrevê-lo como terapia, Sexto não estaria contradizendo a idéia de que o cético não constrói asserções? O argumento da *apraxia*, assim, busca atacar o ceticismo demonstrando que o cético será duplamente incapaz de agir, 1- porque não terá critérios para ação e nem crenças mínimas que lhe compilam a agir, e 2- porque, diante da *aphasia*, será incapaz de agir discursivamente, ou seja, de comunicar-se, o que inclui comunicar a sua doutrina. Por sua vez, se o cético age ou se comunica-se e, ainda, se o ceticismo é uma doutrina, diante destas três possibilidades, ele se refutará.

Assim, meu objetivo de agora em diante será: demonstrar argumentos que aleguem que o ceticismo se refuta, e como Sexto Empírico defendeu o ceticismo (e a si mesmo) desta acusação. Tentando entender no que implica ser cético, levando sempre em consideração os argumentos contrários à fundamentação da viabilidade de se viver uma vida genuinamente cética.

IV- A ANTIGÜIDADE:

Podemos notar que há tradicionalmente dois argumentos que visam mostrar como o ceticismo incorreria em uma total *apraxia*. O primeiro pretende atingir diretamente o resultado final do ceticismo e vai contra a possibilidade da total suspensão do juízo,



tentando demonstrar a impossibilidade de se viver concretamente o ceticismo; esse argumento é o que aparecerá em Hume, mas não só, também se evidenciará na narrativa de Antígono de Carystus das dificuldades que Pirro enfrentava¹¹. O segundo, por sua vez, pretende demonstrar a contradição que há intrínseca no próprio discurso cético, apontando contradições performáticas na possibilidade de exprimir um proferimento que adequadamente declare e demonstre uma atitude anti-proferimento que, além disso, enquanto discurso, para que seja entendido ou eficazmente transmitido, dependeria de certas crenças.

Estes dois tipos de argumentos denotam dois aspectos da *apraxia* e serão tradicionalmente os dois gumes da espada que será erguida contra o ceticismo.

Para visualizar melhor o cerco criado ao redor do cético, eis o esquema do argumento da auto-refutabilidade:

1- Após a pesquisa intensa em busca de respostas para a questão X, o investigador percebe que há diferentes e mutuamente excludentes respostas para a questão. Diante disso ele suspenderá o juízo e se livrará das crenças, atingindo a imperturbabilidade.



- a) Não é possível agir se nada pode ser conhecido.*
- b) Se suspende-se o juízo não há parâmetros para a ação. Além disso, uma total suspensão do juízo é impossível.*



¹¹ Embora não haja *epoché* em Pirro.



O cético será incapaz de agir, ou, na melhor das hipóteses, não saberá como agir embora possa fazê-lo. De toda forma, a suspensão tornará a vida impossível de ser vivida.

→ Este argumento será chamado de argumento da apraxia estritamente prática.

Conseqüência: o cético deverá então, ao suspender o juízo, se tornar completamente inativo, provando a inviabilidade prática do seu sistema, ou provar, agindo, que seu sistema funciona, mas se ele agir é porque tem crenças e não suspendeu verdadeiramente o juízo, então ele se refutaria (auto-refutabilidade prática).

2- Após a pesquisa intensa em busca de respostas para a questão X, o investigador percebe que há diferentes e mutuamente excludentes respostas para a questão. Diante disso ele suspenderá o juízo e se livrará das crenças, atingindo a imperturbabilidade e tomando uma postura não-assertiva.



a) Se o cético não constrói asserções, não pode defender ou receitar (como faz Sexto Empírico) o ceticismo.

b) Se o cético não constrói asserções, não pode se comunicar.



O cético será incapaz agir discursivamente, não poderá ter uma prática discursiva.

→ Este argumento será chamado de apraxia estritamente discursiva.

Conseqüência: o cético não poderá se comunicar, não fará parte de nenhuma associação entre homens (comunidade de falantes) e não gozará de um dos atributos da razão. Mas se ele desejar provar que este resultado pejorativo não se impõe, deve comunicar-se, mas ao



fazê-lo não seria aphasian e se refutaria (auto-refutabilidade prática, mas no âmbito da prática discursiva).

V- O DEBATE ACADEMIA X STOA:

O primeiro aspecto da auto-refutabilidade que consideraremos gira em torno de um argumento que tem sido a pedra angular das críticas anti-céticas desde então: o argumento de que o ceticismo ‘torna a vida impossível’¹² por conduzir à total inatividade. Este argumento aparece em Cicero, *Acad.* II 31:

...as pessoas que negam que qualquer coisa seja apreensível, roubam-nos os próprios instrumentos ou ferramentas do viver, ou melhor, subvertem completamente a vida e privam os animais de suas mentes.

E, em *Acad.* II 99:

...Clitômaco diz, ‘é que enquanto não há qualquer impressão que possibilite a apreensão, há muitas que permitem a aprovação. Seria contra a natureza se não houvesse impressões persuasivas’—e o resultado seria a completa subversão da vida que você assinalou Lúculo.

A idéia é que o ceticismo se auto-refutaria por pretender que haja uma vida impossível de ser vivida, chamarei este aspecto do argumento da *apraxia* de aspecto estritamente prático (para contrastar com outro aspecto da crítica, o aspecto lingüístico).

Este argumento, por sua vez, se divide em dois, ambos preservados por Cicero, embora não por outras fontes: 1- um ataque à tese cética de que nada pode ser conhecido;

¹² Το ζῆν ἀναιροῦσιν, *Plu. Col.* 1108 d, cf. 1119 cd, DL IX 104.



2- um outro que vai direto contra a possibilidade da total suspensão do juízo. A primeira objeção afirma que o cético nunca será capaz de decidir o que fazer, o segundo, de que ele nem mesmo será capaz de agir. Estes dois pontos estão obviamente conectados—se o cético agir de uma maneira razoável, ele precisará de um método de decisão sobre o que fazer—mas, por propósitos de exposição, ficará mais claro se seguirmos, separadamente, o tratamento de Cicero das duas questões. A primeira versão do argumento aparece em *Acad.* II 32 e a segunda em *Acad.* II 37.

Assim, o primeiro argumento é o seguinte: se nada pode ser conhecido, então não teremos parâmetros para decidir como agir e seremos reduzidos à inatividade ou, no mínimo, ficaremos totalmente desorientados quanto questões práticas. No caso do debate Academia X Stoa, a disputa será em torno da idéia de que a suspensão do juízo se segue naturalmente como uma conseqüência da *akatalēpsia*, ou do encontro com uma *akataleptike phantasia* (uma impressão duvidosa, em oposição a uma apreensão direta de um objeto pela mente ‘κατάληψις’).

A doutrina da *kataleptike phantasia* ocupa um lugar de destaque entre as doutrinas Estóicas, é a impressão que não deixa brechas para a dúvida, sobre ela fundamenta-se todo o conhecimento real, não sendo necessariamente uma impressão dos sentidos, ela poderia muito bem provir da compreensão de um enunciado lógico deduzido através de premissas indubitáveis (auto-evidentes). Estas *phantasiai* são de fato conforme os objetos dos quais provêm e são dotadas de força persuasiva. Cabe ao sábio discernir quais das *phantasiai* são *kataleptikai* para a elas dar seu assentimento, o sábio Estóico é aquele que somente dá o seu assentimento a estas impressões porque elas são seguras e representam fielmente o



objeto do qual emanam. O sábio Estóico deve precaver-se de dar, erroneamente, seu assentimento a uma *phantasia* não-*kataleptike*, ou *akataleptike*, porque este tipo de impressão não é seguro, é duvidoso e induz ao erro, o problema é que boa parte das impressões, de acordo com os Estóicos, faz parte desta categoria, diante delas o que faz o sábio? Ele não julga a partir delas, somente a partir do que é seguro, ele então, diante delas, suspende o juízo.

No caso da suspensão Acadêmica, ela deve incidir sobre tudo o que se pretende conhecer, sobre todas as impressões por que não há critérios para sabermos quais das *phantasiai* podem oferecer um conhecimento firme e seguro. A suspensão Acadêmica será costumeiramente ilustrada através de exemplos elaborados para ressaltar a sua absurdidade, e.g. Plu. *Col.* II 22 e: ‘Mas como sucede que o homem que suspende o juízo não saia correndo para uma montanha ao invés de para o banho...?’ Neste exemplo (e também nas estórias sobre Pirro em D.L. IX 62) busca-se demonstrar que para agir devemos ser capazes de detectar, presumivelmente pelo uso da percepção sensorial, o que é o caso. Mas temos também que possuir alguma idéia do que será o melhor a fazer, ou, como afirmaram os Estóicos, na necessidade de agir virtuosamente, devemos saber a coisa correta a fazer (*Acad.* II 24-5). Ou seja, para agir precisamos tanto de ambos os conhecimentos, o factual e o normativo. Mas tendo em vista que o conhecimento normativo é, para os Estóicos, fundamentado sobre o factual, a discussão desta objeção é normalmente restringida ao caso factual.

Tendo em vista que este argumento não basta para demonstrar que o ceticismo se contradiz, mas somente que tem conseqüências paradoxais quanto à conduta da vida, uma



possível réplica poderia consistir em simplesmente aceitar a conclusão, e meramente ressaltar que não é culpa do cético se tudo é tão incerto quanto se as estrelas são pares ou ímpares em quantidade. Esta réplica é a mencionada por Cicero em *Acad.* II 32. Não se sabe ao certo quem eram estas pessoas sem esperança que aparecem neste trecho¹³, mas não parece impossível, como sugeriu Brochard¹⁴, que Cicero tivesse em mente alguns Acadêmicos radicais como Enesidemo, é provável que nem Arcesilao e nem Carnéades tenham dado esse passo. Em vez disso, Arcesilao demonstra que o argumento é válido, mas com a ressalva de que mesmo na ausência de conhecimento não somos deixados inteiramente sem parâmetros, esta réplica será reaproveitada por Sexto que a cita em *M VII* 158:

Arcesilao afirma que aquele que suspende o juízo sobre tudo regulará suas inclinações e aversões, e suas ações em geral, pela regra do “razoável” (εὐλογῶ), e procedendo por meio deste critério ele agirá corretamente...

Vale observar que o termo *eulogon* provém dos Estóicos que definem uma proposição ‘razoável’ ou ‘provável’ como uma que ‘tem mais tendências a ser verdadeira do que a ser falsa, como “Devo viver amanhã”’ (D.L. VII 76). Tendo considerado as proposições factuais, daí, *to eulogon* parece ser o que é provável, proposições que descrevem fatos prováveis. No caso da ação, da prática, *eulogon* também ocorre em definições de ‘ato apropriado’ (*to kathēkon*): um ato apropriado é aquele que, quando feito, tem uma justificativa racional (*eulogos apologia*), esta justificativa seria em relação ao que está de

¹³ Citado anteriormente.

¹⁴ BROCHARD, Victor. Os Céticos Gregos, traduzido por Conte, Jaimir. São Paulo: Editora Odysseus, 2010.



acordo com a natureza humana, então nestes casos *eulogon* parece significar ‘razoável’ mais do que ‘provável’, sendo que razoável será agir de acordo com a natureza humana.

Parece claro que, em todo caso, tanto em questões factuais quanto práticas, *to eulogon* poderia ser invocado onde o conhecimento não é obtido, quando diante da *akatalēpsia*.

Assim, quando Arcesilao sugere ‘o razoável’ como critério, ele estava mostrando para os Estóicos que sua própria teoria sobre as *phantasiai akaléptikai* gerou um segundo melhor critério prático que, ênfase, dada a impossibilidade do conhecimento, serviria como o único guia. Então ele prossegue, parodiando a doutrina Estóica e argumentando que *to eulogon* seria suficiente também para a ação virtuosa (*katorthōma*)—ele simplesmente substituiu a definição de *kathēkon* pela de *katorthōma*, novamente *M VII 158*:

Arcesilao afirma que aquele que suspende o juízo sobre tudo regulará suas inclinações e aversões, e suas ações em geral, pela regra do “razoável” (εὐλογῶ), e procedendo por meio deste critério ele agirá corretamente (κατορθώσει); a felicidade é alcançada por meio da sabedoria (φρονήσεως), e a sabedoria consiste em ações corretas (κατορθώμασιν), e a ação correta (κατόρθωμα) é aquela que, quando executada, possui uma justificativa razoável (εὐλογῶ).

Este registro de Sexto é o único testemunho que nos resta deste argumento de Arcesilao, em que ele derivará a ‘ação correta’ da ‘ação conforme o mais razoável’, e a ‘sabedoria’ de ‘agir corretamente’ ou, conseqüentemente de ‘agir razoavelmente’. Por sua vez, sua definição de ‘razoável’ não é dele próprio, é Estóica, o que ele faz então é usar a definição dos Estóicos contra os próprios Estóicos.



Podemos facilmente cogitar a animosidade despertada nos Estóicos devido a esta réplica de Arcesilao que, na verdade e muito astutamente, distorce a distinção Estóica entre atos virtuosos e meramente ‘apropriados’, que se devem à diferença entre o conhecimento perfeito do sábio e a fraca e falível ‘opinião’ do tolo. Infelizmente não há registros da tréplica Estóica a Arcesilao, mas pode-se ter dimensão dela através dos argumentos que os Estóicos lançaram contra Carnéades, como o célebre argumento de que o homem sábio deve ter certeza para ser virtuoso¹⁵.

Assim, diante da acusação Estóica de que se nada pode ser conhecido, então não teremos parâmetros para decidir como agir e seremos reduzidos à inatividade ou, no mínimo, ficaremos totalmente desorientados quanto questões práticas, Arcesilao elabora um argumento que, usando os próprios conceitos Estóicos, buscava provar o contrário e que pode ser resumido de acordo com o seguinte esquema:

Akatalēpsia (ou um algo inapreensível), diante da qual deve-se → epoché (suspensão do juízo) → cálculo decisório de acordo com o mais razoável (εὐλογῶ) → esta é a via da ação correta (κατόρθωμα) → que, por sua vez, é a sabedoria (φρονήσεως) → somente assim é possível ser feliz: “Aquele, portanto, que atentar ao “razoável” agirá corretamente e será feliz (εὐδαιμονήσει)” (M VII 158, novamente).

Conforme já dito, a única fonte que nos chegou deste argumento é Sexto Empírico em *M VII 158*, mas também em Cícero há a refutação do argumento da apraxia em *Acad. II*

¹⁵ *Acad. II 23-5, 27.*



99. E também em *Acad.* II 103, onde o contexto é a narrativa de um trecho de um livro que Clitômaco escreveu para o poeta Gaius Lucilius.

Passemos agora à posição de Arcesilao a respeito da segunda versão da *apraxía* que é dirigida contra a tese cética de que é possível reter o assentimento quanto a todas as questões, e agora o ponto não é somente que o cético não sabe o que fazer, mas que ele estará literalmente reduzido à total inatividade (voluntariamente) porque a ação logicamente implica o assentimento. O fundamento da crítica Estóica é a sua própria teoria da ação voluntária. Eles sustentavam que a ação voluntária envolve três coisas: apresentação (*phantasia*), assentimento (*sunkatathesis*), e impulso ou apetite (*hormē*).

A apresentação, no caso da ação, deveria ser o pensamento, o reconhecimento mental de um objeto. Mas esta apresentação tanto pode se originar em um objeto externo quanto no pensamento do agente, em todo caso o agente é levado a cometer alguma ação. O assentimento do agente a esta apresentação resulta um impulso que leva à ação. Se o assentimento não fosse voluntário, uma ação correta oriunda do assentimento não poderia ser valorosa e elogiada, por outro lado, uma ação incorreta oriunda de um assentimento mal dado não poderia ser vergonhosa.

Considerando então a idéia de que o assentimento deve ser voluntário para que sejamos responsáveis pela ação nascida no assentimento, a objeção à *epoché* leva à afirmação de que, considerando que é logicamente impossível agir voluntariamente sem assentimento, o cético, em cada uma das ações que ele efetua, abandonará sua atitude teórica de suspensão do juízo, e isto demonstraria a impossibilidade prática da *epoché*.



A réplica de Arcesilao a este argumento foi preservada por Plutarco, *Col. I 122 b* em diante, onde Arcesilao começa com uma tese Estóica sobre as faculdades da alma envolvidas na ação, e daí prossegue argumentando que uma delas, o assentimento, é coercitivo por ter uma origem externa, então ele não deve ser considerado como uma faculdade propriamente da alma, assim somente a *phantasia* e a *hormē* são suficientes. Mas conseqüentemente Arcesilao teria que sustentar que o assentimento nunca devesse ser considerado, assim todas as ações poderiam ser explicadas em termos de *phantasia* e *hormē*. Mas esta idéia, por sua vez seria excessivamente extravagante para os Estóicos. A única palavra no texto de Plutarco que se refere ao modo como a *hormē* leva diretamente à ação, sem assentimento é ‘instintivamente’¹⁶. O problema de se traduzir *φυσικός* desta forma é que parece indicar que sempre agimos por instinto. Mais provável é que Arcesilao tenha deixado aberta a possibilidade de que podemos agir sem assentimento necessário, ‘naturalmente’ coagidos pelas apresentações.¹⁷

Voltemos a Cicero, em uma passagem em que ele cita Clitômaco que defende da tese cética de que é possível reter o assentimento quanto a todas as questões, e livra o cético da acusação de que a *epoché* leva à total inatividade. Vejamos *Acad. II 104*:

‘Do sábio é dito que suspende o juízo em dois sentidos: em um sentido, quando isto significa que ele não assentirá a nada; em outro, quando isto significa que ele se refreará mesmo de dar respostas que demonstrem que ele aprova ou reprova algo, de modo que ele não dirá “sim” ou “não” a nada. Dada esta distinção, o sábio aceita a suspensão do assentimento no primeiro sentido, com o resultado de

¹⁶ Tradução de Einarson e de Lacy para *φυσικός*.

¹⁷ STRIKER, Gisela. *Sceptical Strategies*, em BARNES, J; SCHOFIELD, M; BURNYEAT, M. *Doubt and Dogmatism, Studies in Hellenistic Epistemology*. Oxford: Clarendon Press, 1980.



que ele nunca assente; mas ele retém seu assentimento ao segundo sentido, com o resultado que, seguindo o que é persuasivo, sempre que esteja presente ou ausente, ele é capaz de responder “sim” ou “não”. Assim, a pessoa que mantém que se deve assentir para que possa mover-se e agir’, Clitômaco replicou que, ‘há impressões tais que nos excitam a ação; e, da mesma forma, há respostas que podemos usar quando questionados de qualquer forma, simplesmente seguindo nossas impressões sobre a questão, de modo que assim faremos sem assentir.

Recapitulando: o argumento que alega que o ceticismo leva à total inatividade foi elaborado originalmente pelos Estóicos no debate com a Academia em fase cética e pode ser dividido em dois.

1- Se nada pode ser conhecido, então não há como decidir como agir e aí sobrevirá a inatividade ou a desorientação quanto a questões práticas.

Réplica: o cético terá um parâmetro para a ação: o razoável.

2- Não é possível reter o assentimento quanto a todas as questões, por que se for possível o cético estará literalmente reduzido à total inatividade (voluntariamente) porque a ação logicamente implica o assentimento.

Réplica: a ação não necessariamente implica o assentimento. É possível agir sem assentir, de acordo com o mais natural.

Mas a questão ainda está longe de ser resolvida.

VI- A POLÊMICA DE ENESIDEMO:

Enesidemo foi o principal responsável pela fundação, ou pelo menos pelo renascimento do Pirronismo no primeiro século a.C., duzentos anos ou mais antes de Sexto



Empírico compilar seus *Esboços Pirrônicos*. Sabemos algo sobre a obra de Enesidemo, os *Esboços Introdutórios ao Pirronismo*, através de uma referência feita por Diógenes Laércio (D.L. IX 78).

Enesidemo, se não criou, divulgará a classificação dos vários tropos, modos ou vias sob os quais as coisas originam convicções ou persuasões, e assim tentam destruir, sistematicamente, as crenças pela demonstração de que cada um destes modos produz crenças conflitantes ou igualmente persuasivas e que não são confiáveis em nos pôr em contato com a verdade. A idéia de Enesidemo é que quando os sentidos fazem referências consistentes, tende-se a persuadir-se de que as coisas realmente são como parecem ser (D.L. IX 78: *πείθειν γὰρ ἅτα τε κατ' αἴσθησιν συμφώνως ἔχοντα*), mas se considera-se o total de todas as diferentes impressões que os objetos produzem em diferentes animais e em diferentes pessoas e em pessoas em diferentes condições ou circunstâncias, e também todas as outras considerações levantadas pelos Dez Tropos, veremos que, em cada caso, mesmo com muitas evidências do mesmo tipo, pode-se ser persuadido à uma opinião contrária, assim, cada tipo de evidência pode ser combatida por uma evidência igual e contrária (equípólente) logo, cada fonte de crença é uma fonte de crenças conflitantes. O resultado será sempre a *epoché* sobre o que é, ou poderia ser, a verdade. Mas também há alguns modos pelos quais se adquire convicções com pouco ou nenhum suporte na possível verdade ou falsidade da percepção, como quando acreditamos em algo porque nos é familiar ou por que fomos persuadidos por um orador astuto. De modo que

Não se deve tão pouco admitir que seja verdadeiro aquilo que tem força de convicção (*to peithon*), pois a mesma coisa não convence todos, nem convence



sempre as mesmas pessoas. E a capacidade de persuasão (*pithanotés*) depende de circunstâncias externas e da fama do orador e de sua profundidade de pensamento, ou da sua capacidade de agradar, ou do tom familiar ou gracioso de sua oratória. (D.L. IX 94).

O ponto que nos interessa aqui é que esta questão sobre persuasão e persuasível tem um contexto histórico perfeitamente identificável. Em uma situação muito próxima à da passagem supracitada e não muito depois de uma menção a Enesidemo (*M VIII 40*), Sexto Empírico compara o que nos persuade (*to peithon hêmas*) com a noção Acadêmica de *to pithanon*. ‘*Pithanon*’ freqüentemente é mal traduzido como ‘provável’, mas o que a palavra normalmente significa em grego é ‘persuasivo’ ou ‘convincente’, e Carnéades definiu uma impressão *pithanê* como uma que parece verdade.

O ponto mais importante para nossos propósitos é que na historiografia cética, bem como na maioria dos livros de história da filosofia, Carnéades é quem teria feito do *to pithanon* o critério Acadêmico para a condução da vida (ver *M VII 166*, na verdade as duas passagens supracitadas incluem-se no relato que Sexto faz, que começa em *M VII 166*, da doutrina de Carnéades do critério). Se assim é, se o critério do *to pithanon* é criação de Carnéades, ele origina-se em uma corruptela de um critério anterior, já visto por nós, e criado por Arcesilao para defender-se da acusação da inatividade. O critério de Arcesilao, o razoável (εὐλογῶν) foi aprimorado por Clitômaco e adulterado por Carnéades. O razoável é um critério originado, como vimos, em um termo (*eulogon*) de origem Estóica, onde o ‘razoável’ é o que ‘tem mais tendências a ser verdadeiro do que falso (D.L. VII 76). Além



disso, *eulogon* também ocorre em definições Estóicas de ‘ato apropriado’ de modo que razoável será agir, quando as apreensões são *akaléptikai*, de forma mais apropriada, de acordo com a natureza humana. Contudo, como sugere Striker¹⁸, os argumentos de Arcesilao podem ser considerados como não próprios dele, Arcesilao estaria usando uma estratégia comum na Academia de reverter a argumentação do contra-locutor contra ele próprio. Assim, a argumentação de Arcesilao na verdade seria uma argumentação Estóica usada contra os Estóicos, redundando em um critério para ação, originado em uma argumentação Estóica, devo enfatizar, mais eficaz: o razoável.

O critério de Carnéades, por sua vez, é mais positivo, *to pithanon* surgirá diante da certeza da impossibilidade do conhecimento, e não diante da possibilidade de haver *akataléptikai phantasiai* (possibilidade esta levantada pela doutrina Estóica e não por Arcesilao). Simplificando, se há a possibilidade de haver dogmatismo, mesmo que negativo, em Arcesilao, esta possibilidade será ainda mais evidente em Carnéades (segundo a interpretação de Philo de Larissa, conforme veremos) que erguerá um critério positivo diante da asserção negativa que declara a impossibilidade do conhecimento.

Neste ambiente de uma querela incessante contra os Estóicos que Enesidemo revoltou-se contra a Academia sob Philo:

Li os oito *Discursos Pirrônicos* de Enesidemo. O objetivo central do livro é estabelecer que não há uma base firme para a cognição, tanto pelas percepções sensoriais quanto pelo pensamento. Conseqüentemente, diz ele, nem os Pirrônicos e nem os outros sabem a verdade sobre as coisas; mas os filósofos,

¹⁸ STRIKER, Gisela. Sceptical Strategies, em BARNES, J; SCHOFIELD, M; BURNYEAT, M. Doubt and Dogmatism, Studies in Hellenistic Epistemology. Oxford: Claredon Press, 1980.



persuadidos do contrário, além de serem ignorantes em geral, empenham-se em futilidades e perdem tempo em tormentos incessantes, são ainda ignorantes do próprio fato de que não têm cognição de nada do que alegam conhecer. Mas aquele que filosofa à maneira de Pirro é feliz, não só em geral, mas especialmente, na sabedoria de saber que não tem um firme conhecimento de nada. (...) No primeiro discurso (Enesidemo) diferencia entre os Pirrônicos e os Acadêmicos (...) ele diz que os Acadêmicos são dogmáticos: eles sustentam algumas coisas com confiança e ambigualmente negam outras. Os Pirrônicos, por outro lado, são aporéticos e livres de toda doutrina. (Photius, *Bibli.* 169b 18-170b 3).

Para ele, há um critério de ação suficientemente satisfatório ao tomar como verdadeiro aquilo que é persuasivo no sentido de que parece verdade, não seria necessário então preocupar-se com o que é a verdade ou o verdadeiro, para ele, de fato, nada é verdadeiro. Conforme já dito, então, uma vida sem crença era uma característica fundamental do Pirronismo sob inovação de Enesidemo, mas, mais além, esta vida foi criada por Enesidemo em oposição consciente aos ensinamentos da Nova Academia. Se os seus Dez Tropos têm o efeito pretendido, seremos afastados do critério Acadêmico para a conduta da vida para nos aproximarmos do novo ideal Pirrônico de Enesidemo de uma vida sem crenças. Assim Enesidemo dá nova vida e roupagem ao que seria a filosofia de Pirro.

Apesar da escolha de Pirro como herói do ceticismo de Enesidemo ser controversa, porque Pirro viveu uma vida bastante controversa, não será assim tão difícil captar algumas das razões filosóficas pelas quais Enesidemo recorreu a Pirro como seu modelo. Primeiro, a Academia, na época de Philo de Larissa, pareceu nitidamente menos cética do que



costumava ser, é o que apreendemos através da debatida interpretação de Carnéades por Philo:

Esta é uma discordância ainda pendente. A visão de que o sábio não assentirá a nada não tem parte nesta controvérsia: ele poderia falhar em apreender algo e ainda assim ter opiniões. De fato, esta é dita (por Philo) como sendo a posição aprovada por Carnéades—contudo, como concordo mais com Clitômaco do que com Philo ou Metrodoro, considero esta mais como uma posição que ele argumentou do que uma que ele aprovou. (*Acad.* II 78).

Com a interpretação de Carnéades por Philo *to pithanon* foi oferecido como um critério positivo para a vida. Ao recorrer a Pirro, Enesidemo estaria, então, recorrendo a um personagem que poderia oferecer uma forma de vida sem crenças, sem amolecer a *epoché* cética, isto através da adesão às aparências. Este era o plano ou critério de vida que Enesidemo adotou:

E no primeiro livro de seus *Discursos Pirronianos* Enesidemo diz que Pirro nada define dogmaticamente, por causa da possibilidade de contradição, mas guia-se pelos fenômenos. Enesidemo repete a mesma afirmação em suas obras *Contra a Sapiência* e *Da Investigação*. Também Zêuxis, amigo de Enesidemo, em sua obra *Dos Discursos Dúplices*, e Antíoco de Laodicea, e Apelas em sua obra *Agripa*, admitem que somente os fenômenos são válidos. Logo, se o fenômeno é o critério da verdade dos céticos (pelo menos é o que diz Enesidemo). (D.L. IX 106).

Cerca de dois séculos após Enesidemo, será Sexto Empírico o homem que terá o maior desafio pela frente. Ele teve que lidar com séculos de controvérsias, séculos de debates contra argutos adversários, além disso, teve que submeter a discussão ao debate



médico no qual ele se inseria. Mas também tem em mãos séculos de réplicas céticas aos argumentos dogmáticos, assim, penso que, por estar tão imerso na discussão, Sexto pôde adiantar-se à versão do argumento da *apraxia* que aparece em Hume.

VII- BIBLIOGRAFIA CONSULTADA:

ANNAS J.; BARNES J. The Modes of Scepticism: Ancient Texts and Modern Interpretations. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

----- . Scepticism About Value, em POPKIN, R. H. *org.* Scepticism in the History of Philosophy. Holanda: Kluwer Academic Publishers, 1996.

BARNES, Jonathan. The Toils of Scepticism. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

BEVAN, Edwyn. Stoïceiens et Sceptiques. Paris: Société d'Édition "Les Belles-Lettres", 1927.

BOLZANI, R. A *Epokhé* Cética e Seus Pressupostos, em Sképsis, n° 3-4, 2008.

BRITO, R.P. Sobre o quê Jaz o Sensualismo de Empédocles.

BROCHARD, Victor. Os Céticos Gregos, traduzido por Conte, Jaimir. São Paulo: Editora Odysseus, 2010.

BURNYEAT, Milles F. Can the Sceptic Live his Scepticism?; em BARNES, J; SCHOFIELD, M; BURNYEAT, M. Doubt and Dogmatism, Studies in Hellenistic Epistemology. Oxford: Claredon Press, 1980.

CICERO. On Academic Scepticism, tradução, introdução e notas de Brittain, C. Cambridge: Hackett Publishing Company, 2009.



COUSSIN, Pierre. L'origine e L'évolution de L'ΕΠΙΟΧΗ, em *Revue des Etudes Grecques*, n° 42, 1929.

EMPIRICUS, Sextus. *Outlines of Pyrrhonism*, traduzido por Bury, R.G. EUA: Prometheus Books, 1990.

----- . *Outlines of Scepticism*, editado por Annas, J. e Barnes, J. Cambridge, Cambridge University Press, 2000.

----- . *Against Logicians*, traduzido por Bury, R.G., volume II. Harvard: Harvard University Press, 2006.

----- . *Against Physicists; Against Ethicists*, traduzido por Bury, R.G., volume III. Harvard: Harvard University Press, 2006.

FLINTOFF, Everard. *Pyrrho and India; em Phronesis*. 1980.

FREDE, Dorothea. *How Sceptical Were the Academic Sceptics?*, em em POPKIN, R. H. *org. Scepticism in the History of Philosophy*. Holanda: Kluwer Academic Publishers, 1996.

FREDE, Michael. *The Sceptic's Two Kinds of Assent and the Question of the Possibility of Knowledge*, em *The Original Sceptics*. Cambridge: Hackett Publishing Company, 1998.

HAYS, Steve. *On the Skeptical Influence of Gorgias's On Non-Being*, em *Journal of History of Philosophy*, volume 28, n° 3, 1990.

HILEY, David R. *The Deep Challenge of Pyrrhonian Scepticism*, em *Journal of History of Philosophy*, volume 25, n° 2, 1987.



KIRK, G. S.; RAVEN, J. E.; SCHOFIELD, M. Os Filósofos Pré-Socráticos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 1994.

LAÉRCIO, Diógenes. Vida e Doutrina dos Filósofos Ilustres, traduzido por Kury, Mário da Gama. Brasília: Editora UnB.

LEAL-TOLEDO, Gustavo. O Cético e Suas Crenças: a Aparente Duplicidade de Sexto Empírico, em *Dissertatio*, nº 27- 28, 2008.

LONG, A.A.; SEDLEY, D.N. The Hellenistic Philosophers: translation of the principal sources, with philosophical commentary, v. 1. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

MARCONDES de Souza Filho, Danilo. A “Felicidade” do Discurso Cético: o Problema da Auto-refutação do Ceticismo, em *O Que Nos Faz Pensar*, nº 8, 1994.

----- Juízo, Suspensão do Juízo e Filosofia Cética, em *Sképsis*, nº 1, 2007.

NUSSBAUM, Martha. Skeptic Purgatives: Therapeutic Arguments in Ancient Skepticism, em *Journal of History of Philosophy*, volume 29, nº 4, 1991.

SEDLEY, David. The Protagonists; em BARNES, J; SCHOFIELD, M; BURNYEAT, M. *Doubt and Dogmatism, Studies in Hellenistic Epistemology.* Oxford: Clarendon Press, 1980.

----- The Stoic Criterion of Identity , em *Phronesis*, nº 27, 1982.

STRIKER, Gisela. Greek Ethics and Moral Theory, em *The Tanner Lectures on Human Values*, 1987.